



UFC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS DE QUIXADÁ
CURSO DE DESIGN DIGITAL**

RAUL PLASSMAN MEDEIROS BARBOSA

**NÓS: UMA LEITURA FOTOGRÁFICA SOBRE CORPOS LGBTQIA+ DO SERTÃO
CENTRAL-CE**

QUIXADÁ

2021

RAUL PLASSMAN MEDEIROS BARBOSA

NÓS: UMA LEITURA FOTOGRÁFICA SOBRE CORPOS LGBTQIA+ DO SERTÃO
CENTRAL - CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Design Digital da Universidade Federal do Ceará Campus Quixadá, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Design Digital. Área de concentração: Programas interdisciplinares e certificações envolvendo Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Orientador: Prof. Dr. Paulo Victor Barbosa de Sousa.

QUIXADÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B211n Barbosa, Raul Plassman Medeiros.
Nós: uma leitura fotográfica sobre corpos LGBTQIA+ do Sertão Central - CE / Raul Plassman Medeiros Barbosa. – 2021.
84 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Quixadá, Curso de Design Digital, Quixadá, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Paulo Victor Barbosa de Sousa.
1. Minorias sexuais e de gênero. 2. Fotografias. 3. Memória. 4. Teoria Queer. I. Título.
- 745.40285 CDD
-

RAUL PLASSMAN MEDEIROS BARBOSA

NÓS: UMA LEITURA FOTOGRÁFICA SOBRE CORPOS LGBTQIA+ DO SERTÃO
CENTRAL - CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Design Digital da Universidade Federal do Ceará Campus Quixadá, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Design Digital. Área de concentração: Programas interdisciplinares e certificações envolvendo Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)..

Aprovada em: ___ / ___ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Víctor Barbosa de Sousa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ma. Diana Patrícia Medina Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Vilnei de Oliveira Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Franco Willamy Lima da Fonseca
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eunice e Edingildo, por terem me dado a vida, me ensinado o quão os estudos são importantes e por me apoiarem sempre.

À minha avó Antônia Medeiros, por ser uma das pessoas mais lindas que eu tenho nessa vida e por me mostrar que o amor sempre prevalece.

Ao meu orientador, Paulo Victor, que acreditou nesse projeto desde o início e me deu suporte necessário para que eu pudesse chegar até aqui.

À banca examinadora, Diana Medina, João Vilnei, Franco Fonseca e Paulo Victor, vocês são pessoas que eu tenho grande admiração e que me inspiram das melhores formas possíveis.

Aos meus amigos Adriano Barros (Best), Herbster Alex (Hebinha), Roni Nogueira (Rowni), que a mais de 10 anos me acompanham nessa vida e são peças fundamentais no meu processo de entendimento como pessoa LGBTQIA+ e contribuem para que seja um ser humano melhor. Vocês me inspiram!

Ao Jomário (Joma) e Renan (Rê) pela amizade e pelos anos que dividimos casa em Quixadá onde pudemos vivenciar inúmeras experiências que foram de apertos a muitas alegrias compartilhadas.

Ao meu amigo Weiber Filho (Negrita), por ser um porto seguro mesmo distante fisicamente e por me encorajar sempre.

A Trojany e Raquel (Reitchel) pela amizade e experiências vividas enquanto moramos juntas, todas as discussões que tivemos sobre o curso de DD e as questões da UFC Quixadá, assim como a amizade que irei levar para vida.

À Gislayne Viana, pela amizade e apoio fundamental durante o período da graduação.

À Stephane Maia, pela sua amizade e dicas para as correções do meu texto inicial.

Aos meus amigos da Panela Quente que me aguentaram durante todos esses anos e fizeram com que os dias fossem menos difíceis. Vocês são pessoas incríveis e que eu pretendo levar por toda a vida. Ana Karine (KK) por todos os vinhos, festas, por do sol, música e alegrias compartilhadas. Brendon Girão (Bren) pelos trabalhos em equipe, pelo nosso crescimento juntos, Camilla Almeida (Millar) pelos projetos integrados que trabalhamos em equipe e pelas risadas compartilhadas, Camila Leal (Camzinha), pelo companheirismo e carinho e Lindberg Junior (Lind) pela parceria e incentivo de sempre. Amo todos vocês.

Ao Alan Ribeiro (Alanzim) e Lucas Silva (LS), por serem pessoas tão pacientes e quebrarem a cabeça tentando me ensinar programação e me ajudando com os trabalhos.

À Jayne (Jajá) pela amizade, trabalhos, viagens e risadas compartilhadas.

Ao Caique Araújo, pela amizade que construímos ao longo do curso e sua fundamental contribuição no desenvolvimento desse projeto.

Ao Daniel Oliveira (Dêniel), por todo o apoio e força que me deu nesse último período da graduação, sempre dizendo que tudo ia dar certo e sendo um amigo mais que especial.

Ao Marcelo Siqueira (Marzim), o maior Designer que esse Quixadá já viu e uma das melhores pessoas dessa vida, obrigado por tanto, Mar.

Aos colegas da turma de 2015.1 que não foram citados saibam que eu tenho um carinho especial por vocês, lhes desejo todo o sucesso nessa vida.

À todos os participantes da série Nós, pela entrega e por acreditarem nesse projeto

E por fim, a todos que fazem a UFC-Quixadá, em nome do corpo docente que não mede esforços para repassar o conhecimento necessário à nossa formação.

*“Eu estou bem armada pra lutar
Minha arma é o meu corpo e eu vou me
atirar.”*

(Getúlio Abelha)

RESUMO

A população LGBTQIA+ é colocada à margem da nossa sociedade, enfrentando inúmeras questões por não corresponder à imposição do padrão heteronormativo, cisgênero e branco. A partir dessa realidade, e no contexto de Sertão Central do Ceará, o trabalho se utiliza da arte da fotografia como ferramenta para criar uma série fotográfica. Ela conta com a participação de 12 (doze) corpos de diferentes sexualidades e identidades de gênero, que vivem nas cidades de Quixadá e Madalena. O intuito é representar esses corpos, criando novas memórias sobre eles e a possibilidade de discutir de forma política e crítica a respeito da invisibilidade sofrida por esse público. Entende-se a relevância deste estudo no momento em que ele busca questionar a realidade de um público que, por sua identidade de gênero e sexualidade não corresponder a um padrão exigido pela sociedade, é visto de maneira inferior dentro dela. Esse trabalho foi construído inicialmente por pesquisas com o público (formulário *online* e diálogo), que possibilitaram traçar um perfil do mesmo, entender sua visão sobre a invisibilidade que enfrentam na região e buscar participantes para a série fotográfica. Em seguida, realizaram-se ensaios fotográficos, que promoveram uma aproximação direta com o público, em que pode ser percebido de forma mais íntima qual história com o seu corpo, o que influenciou diretamente na construção das imagens. Com isso criou-se um site, como meio responsável pela apresentação das imagens e desses corpos. Os campos da arte e tecnologia foram escolhidos para discutir a problemática nesta pesquisa, e a partir dela pretende-se influenciar outros membros da comunidade a gerarem novas discussões que possam contribuir com o público.

Palavras-chave: Minorias sexuais e de gênero . Fotografia. Memória. Teoria Queer.

ABSTRACT

The LGBTQIA+ population is on the fringe of our society, facing countless issues for not corresponding the imposition of a heteronormative, cisgender and white pattern. Considering that and situated in the context of Ceará's Sertão Central region, this work uses the art of photography as a tool to create a photographic series. It includes 12 (twelve) bodies of different sexualities and gender identities that live in the city of Quixadá and Madalena. The purpose is to represent these bodies, creating new memories about them and the possibility to discuss in a political and critical way the invisibility faced by these people. This study is relevant by approaching the reality of a public seen in a negative way just because its gender identity and sexuality don't correspond to a required pattern by society. The methodology was based on research with the public (online forms and dialog) which made possible trace its profile, understand its vision about the invisibility they face locally and search participants for the photographic series. The photo shoots phase provided a direct approach to those participants, by which we could perceive intimately their history with their own bodies. This step influenced directly in the construction of the images. Eventually a website was created as a medium responsible for presenting the pictures and these bodies. The fields of art and technology were chosen to address the problem, in order to influence other members of the community to create new discussions that can contribute to the public.

Keywords: Sexual and gender minorities. Photography. Memory. Queer theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Portrait Lucas Gabriel (esquerda, centro) e - Portrait Wallac Terra (direita) Foto Rodolfo Viana ,2017	17
Figura 2 – FANI-KAYODE, Rotimi. Bronze Head, 1987	18
Figura 3 – FANI-KAYODE, Rotimi. The Golden Phallus, 1989	19
Figura 4 – Alguns retratos retirados da série Faces and Faces	20
Figura 5 – Nós - Foto A	40
Figura 6 – Nós - Foto B	41
Figura 7 – Nós - Foto C	42
Figura 8 – Nós - Foto D	43
Figura 9 – Nós - Foto E	44
Figura 10 – Nós - Foto F	45
Figura 11 – Nós - Foto G	46
Figura 12 – Nós - Foto H	47
Figura 13 – Nós - Foto I	48
Figura 14 – Nós - Foto J	49
Figura 15 – Nós - Foto K	50
Figura 16 – Nós - Foto L	51
Figura 17 – Nós - Foto M	52
Figura 18 – Nós - Foto N	53
Figura 19 – Nós - Foto O	54
Figura 20 – Nós - Foto P	55
Figura 21 – Nós - Foto Q	56
Figura 22 – Nós - Foto R	57
Figura 23 – Nós - Foto S	58
Figura 24 – Nós - Foto T	59
Figura 25 – Nós - Foto U	60
Figura 26 – Nós - Foto V	61
Figura 27 – Nós - Foto W	62
Figura 28 – Nós - Foto X	63
Figura 29 – Nós - Foto Y	64
Figura 30 – Nós - Foto Z	65

Figura 31 – Nós - Foto A1	66
Figura 32 – Nós - Foto B1.....	67
Figura 33 – Marca Nós	68
Figura 34 – Paleta de cores utilizada no site	69
Figura 35 – Tipografia utilizada no site	70
Figura 36 – Tela 1 do site - projeto	70
Figura 37 – Tela 2 do site - participantes	71
Figura 38 – Tela 3 do site - exposição	71
Figura 39 – Tela 4 do site - jogo das memórias	72

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	TRABALHOS RELACIONADOS	16
2.1	Poses Imundas: o funk, a fotografia, performatividade e a dança na construção do <i>portrait</i> fotográfico contemporâneo	16
2.2	A fotografia homoerótica africana de Fani-Kayode (2020)	17
2.3	Um rosto uma identidade, Zanele Muholi	19
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
3.1	Movimento LGBTQIA+	21
3.1.1	<i>A influência da mídia sobre a imagem da comunidade LGBTQIA+</i>	23
3.2	Estudos do Corpo Queer	24
3.2.1	<i>Teoria Queer</i>	24
3.2.2	<i>Performatividade de gênero</i>	25
3.3	Fotografia e memória	26
4	METODOLOGIA	30
4.1	Pesquisa com público-alvo	30
4.2	Realização dos ensaios fotográficos	30
4.3	Construção do site	31
5	RESULTADOS	32
5.1	Pesquisa com público-alvo	32
5.2	Entrevistas e realização dos ensaios fotográficos	35
5.2.1	<i>Série fotográfica - Nós</i>	40
5.3	Desenvolvimento do site	68
5.3.1	<i>Hospedagem do site</i>	68
5.3.2	<i>Diretrizes visuais</i>	68
5.3.2.1	<i>Marca</i>	68
5.3.2.2	<i>Paleta de cores</i>	69
5.3.2.3	<i>Tipografia</i>	69
5.3.2.4	<i>Telas do site</i>	70
6	CONCLUSÃO	72
	REFERÊNCIAS	75

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ON-LINE	78
APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS DOS ENSAIOS FOTOGRAFICOS	80
APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ..	81
APÊNDICE D – PROTÓTIPOS DE TELAS EM MÉDIA FIDELIDADE .	82

1 INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos, questões sobre sexualidade e gênero começam a ser discutidas em nossa sociedade de forma mais ampla, em todas as esferas de nossa sociedade. As pautas levantadas atualmente entendem as variantes e pluralidades do indivíduo e possibilitam estudos capazes de questionar as normas cis-heteronormativas vigentes e criar novas teorias, a exemplo da teoria *Queer*.

Em suas origens na década de 1990, o termo *queer*, de origem inglesa e que em tradução para o português é equivalente a algo estranho, excêntrico, espalhafatoso, era usado de forma pejorativa para tratar indivíduos que não atendiam às expectativas sociais de gênero binário (masculino/feminino). Com o passar dos anos e do fortalecimento dos movimentos de luta, a comunidade LGBTQIA+ (sigla que representa a diversidade de identidade de gênero e sexualidade de seus membros) apropria-se do termo e faz dele sua principal arma e também escudo pelo direito de ser e existir. Nas palavras de Guacira Lopes Louro, o *queer* designa a diferença que não quer assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2001, p. 546)

O movimento homossexual no Brasil passou por muitas mudanças até ser conhecido atualmente como movimento LGBTQIA+ e no ano de 2021 comemora 43 anos de luta pela garantia dos direitos da população pertencente ao grupo. Embora durante esse período tenham havido algumas conquistas, muito ainda deve ser feito e com maior visibilidade e representatividade acredita-se que esse movimento ganhe forças e assim possa caminhar para que tenhamos nossos direitos e espaços garantidos.

A nossa comunidade LGBTQIA+ vive uma realidade de constantes tentativas de apagamento das mais diversas formas dentro da sociedade, sendo a violência física uma das mais presentes, fato esse confirmado pelo relatório anual do Grupo Gay da Bahia (GGB): em 2019, onde 329 pessoas tiveram mortes violentas no Brasil, vítimas de homotransfobia, o que dá ao país o peso negativo de ser o que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo.

Neste trabalho, é discutida a imagem estigmatizada que os corpos LGBTQIA+ carregam ao longo do tempo a partir dos estudos da Teoria Queer e suas reflexões sobre sexualidade e gênero, a história do movimento LGBTQIA+, assim como conceitos de fotografia e memória, para que seja proposta uma abordagem artística preocupada em contribuir com a visibilidade desses corpos a fim de confrontar a problemática da invisibilidade enfrentada por eles.

A pesquisa propõe a criação de uma série fotográfica que apresenta esses corpos e foi dividida em duas fases. A etapa inicial contou com a participação de corpos de diferentes sexualidades e identidades de gênero, que se entendem como gays, lésbicas, bissexuais e panssexuais. Esses participantes estão à frente da organização do Coletivo Mandacaru, uma entidade estruturada na cidade de Quixadá (CE), que trabalha com a articulação de pessoas LGBTQIA+ nos mais diversos âmbitos da cidade, realizando ações culturais, rodas de conversas e grupos de estudo sobre o Movimento LGBTQIA+. Além da participação de seus membros no ensaio fotográfico, o Coletivo Mandacaru, através de sua rede de contatos contribuiu para que o projeto alcançasse novas pessoas, e de acordo com o seu interesse pudessem participar da segunda etapa dos ensaios fotográficos.

O presente trabalho é organizado da seguinte forma: introdução ao leitor sobre o que se pretende trabalhar, como e a partir de que público, assim como os objetivos (geral e específicos) da pesquisa, seguido dos trabalhos relacionados a esta pesquisa, sua fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos para a realização do projeto, resultados e conclusão.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Contribuir com a visibilidade de Corpos LGBTQIA+ do Sertão Central do Ceará através da construção de imagens por meio da fotografia.

1.1.2 Objetivos específicos

- Traçar um perfil do público-alvo através de um conjunto de entrevistas assim como saber seu interesse em participar do projeto;
- Realizar uma Série Fotográfica;
- Construir um site para apresentar as narrativas desses corpos através de imagens e relatos individuais de cada participante.

2 TRABALHOS RELACIONADOS

Para um entendimento mais aprofundado do assunto aqui estudado faz-se necessário a busca de trabalhos que estejam relacionados à presente pesquisa. Entre os encontrados serão apresentados três trabalhos: o primeiro é um estudo sobre corpos gays no universo do funk através da fotografia, o segundo analisa a obra artística de um fotógrafo que utilizou através de imagens o seu e outros corpos para falar sobre homossexualidade e o terceiro é uma análise da identidade e representatividade LGBTQIA+ a partir de uma série fotográfica..

2.1 Poses Imundas: o funk, a fotografia, performatividade e a dança na construção do portrait fotográfico contemporâneo

Jacob e Viana (2020) apresentam um estudo que mostra o funk para além de suas especificidades enquanto gênero musical. Ali, são estudados e expostos a relação do funk com a construção cultural em torno dele e dos corpos que fazem parte desse movimento. O estudo passa pelo contexto social e econômico que esses corpos estão inseridos e sobre a tentativa de higienização do funk através da cultura da elite e das mídias, e para tanto é entendido o higienizar como um apagamento dos traços sociais e raciais dos funkeiros pois essa condição é conhecida como abjeta – imunda.

O trabalho possui uma relação próxima com a presente pesquisa pois estuda o corpo LGBTQIA+, a partir do recorte do homem gay, refletindo sua complexidade dentro da sociedade, no qual é explorado o espaço construído pelo funk e como esse corpo se apresenta nele. O trabalho traz a fotografia como ferramenta capaz de representar esse público e as suas narrativas em um determinado ambiente, explorando a problemática de como esses corpos são excluídos em um local e cultura por si só já marginalizados, o que é semelhante ao contexto deste trabalho e contribui para o entendimento de que, mesmo em ambientes que já estão à margem, eles são postos ainda mais a margem, sendo ainda mais excluídos. Abaixo são mostradas imagens que compõem o trabalho relacionado:

Figura 01 - *Poses Imundas*. Portrait Lucas Gabriel (esquerda e centro) e Portrait Wallace Terra (direita). Fotos: Rodolfo Viana (2017).



Fonte: Jacob e Viana (2020)

Ao passo que são percebidas semelhanças, na escolha do público e na forma de apresentá-lo também encontra-se diferenças entre os trabalhos, pois embora se estude o público LGBTQIA+, o autor opta por criar retratos a partir do recorte de homens gays do funk, diferente da proposta em questão que buscou trabalhar a diversidade e apresentação desses corpos, buscando contemplar o público em suas diferentes sexualidades e identidades de gênero.

2.2 A fotografia homoerótica africana de Fani-Kayode (2020)

O segundo trabalho é uma análise feita por Ferreira (2020) a partir da obra artística do nigeriano Fani-Kanoyde (1955-1989) que utilizou a fotografia para discutir sobre questões de gênero e raça na Nigéria, um país que lista entre os primeiros como um dos mais homofóbicos do mundo. O trabalho do fotógrafo consistia em registrar corpos nus, desde o seu até o de outras pessoas expressando sua negritude e homossexualidade.

O trabalho do fotógrafo nigeriano tem relação direta com esta pesquisa, já que ambos percebem a arte como um campo de diálogo e utilizam a fotografia como principal meio para evidenciar esses corpos e discutir questões relacionadas à eles. O que diferencia os trabalhos é que Fani revela o erotismo de corpos homossexuais em suas imagens enquanto este trabalho

buscou contemplar corpos de diferentes sexualidades e identidades de gênero sem que o erotismo seja uma determinante nessas imagens, mesmo que em sua grande maioria sejam fotografias de corpos nus.

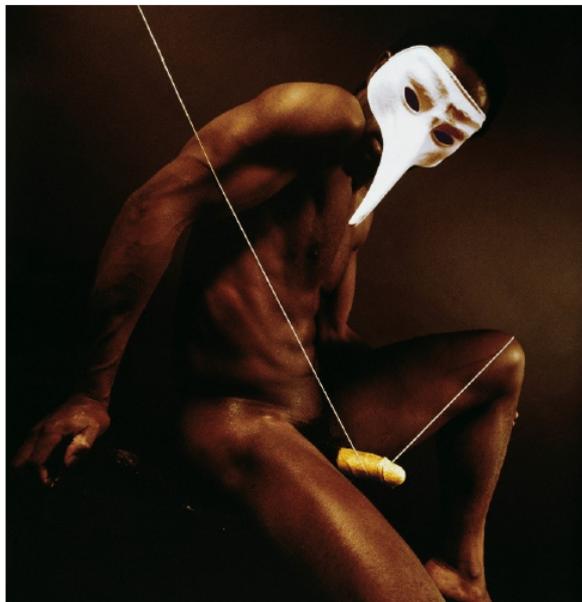
A análise mostra que Fani-Kayode se utilizou da fotografia como meio de expressão e ferramenta política para falar de forma crítica sobre questões relacionadas a si e ao seu povo, enquanto corpos marginalizados. A relevância do trabalho do artista e as discussões que ele conseguiu criar comprovam que a fotografia é uma arte capaz de atingir tais objetivos, além de abrir novos espaços e possibilidades para que o tema seja explorado e continuado. Sendo assim, contribui para o presente trabalho ao criar um caminho possível para que aqui também sejam levantadas discussões através da fotografia. Abaixo imagens do trabalho relacionado:

Figura 02 -FANI-KAYODE, Rotimi. Bronze Head, 1987.



Fonte: Ferreira (2020)

Figura 03- FANI-KAYODE, Rotimi. The Golden Phallus, 1989.



Fonte: Ferreira (2020)

2.3 Um rosto uma identidade, Zanele Muholi

No terceiro trabalho, Costa (2017) faz uma análise da representatividade LGBTQIA+ a partir da série *Faces and Phases* da fotógrafa Sul-africana Zanele Muholi, em que ela traz a questão do rosto de pessoas da comunidade LGBTQIA+ em seus retratos, “apresentando uma potência que não é consensual em um país e continente marcado pelo colonialismo, apartheid, subjugação da mulher e pela aversão à comunidade retratada”. No trabalho de análise da série, é colocado o rosto como possibilidade de registrar um indivíduo através da fotografia.

Apesar do trabalho ser uma análise de uma série que não é criada pelo autor, percebe-se a semelhança com a presente pesquisa, pois a fotografia é escolhida como meio para contribuir com a visibilidade de corpos apresentando uma grande diversidade de público pertencente à comunidade LGBTQIA+ além da escolha por imagens em preto e branco. Abaixo imagens do trabalho relacionado:

Figura 04 - Alguns retratos retirados da série Faces and Faces



Fonte: Costa (2017)

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a realização deste trabalho, foram identificados três pontos essenciais para a contextualização da pesquisa. O ponto inicial é o Movimento LGBTQIA+, com o intuito de entendermos a trajetória do movimento ao qual o objeto de estudo da pesquisa pertence, conhecendo sua trajetória, conquistas e lutas e assim compreender o diálogo entre os nossos corpos na sociedade.

O segundo ponto é a Teoria *Queer*, que é centralizada no estudo da diversidade da sexualidade e identidade de gênero, sendo de fundamental importância compreender as questões envolvendo a teoria que tem ligação direta ao tema da pesquisa, assim como o conceito de performatividade de gênero.

Por último recorreu-se ao estudo de fotografia e de memória a fim de entender quais visões de diferentes autores sobre os assuntos, como as duas temáticas conversam entre si os relacionando com a intenção desta pesquisa, que é trabalhar a fotografia como um meio capaz de criar novas memórias sobre determinado público.

3.1 Movimento LGBTQIA+

Alves (2019) discorre que, para entender essa organização nos moldes atuais, deve ser ressaltado que o movimento nem sempre foi conhecido pela sigla LGBTQIA+ e que esta ainda não é um consenso entre as organizações relacionadas ao público. Durante todo este trabalho será utilizada a sigla LGBTQIA+, por compreender, que até o momento em que este projeto foi desenvolvido, ela era a mais acolhedora (quando se trata de diversidade sexual e identidade de gênero) e que dialoga com o propósito da causa que é a união das pessoas em prol de um bem comum. Cada letra da sigla representa um público, sendo L= lésbicas, G= gays, B= bissexuais, T= travestis, transexuais e transgêneros, Q= *queer*, I= intersexo, A= assexuais e o “+” é “utilizado para incluir pessoas que não se sintam representadas por nenhuma das outras sete letras (FACHINNI, 2005 *apud* ALVES, 2019).

A Revolta de *Stonewall*, que ocorreu no dia 28 de junho de 1969 nos Estados Unidos é considerada um dos eventos que dão início ao movimento da luta pelos direitos da população LGBT, foi um confronto entre membros da comunidade e a polícia em uma das inúmeras ações truculentas que ela realizava em locais frequentados por esse público, como era o caso do bar *Stonewall* (SANTOS, 2005 *apud* ALVES, 2019).

No Brasil a primeira organização política e pautada na causa homossexual surge no final da década de 1970 quando o grupo "Somos" foi criado. Ele surgiu na cidade de São Paulo ainda durante a ditadura militar, e confrontava o regime arbitrário pelo qual o país enfrentava. Paralelo a isso, houve a organização de outros movimentos formados por grupos de esquerda, como o movimento negro e feminista (MacRAE, 1990 *apud* ALVES, 2019).

Segundo Ferreira (2003), o surgimento do vírus da AIDS, nos anos de 1980, teve grande impacto nos movimentos homossexuais, pois ao passo que reforçou a discriminação da homossexualidade, ele também encorajou os grupos a se reorganizarem diante da nova realidade que atingia a comunidade. Como a doença inicialmente estava ligada a esse público, os grupos mais conservadores da sociedade a consideravam como “câncer gay”, um “castigo divino” contra aqueles que mantinham um comportamento homoerótico (FERREIRA, 2003, p.56).

Da militância homossexual sobram ativistas perplexos, dentro de grupos pouco representativos, esvaziados e sem condições de reflexão ou, menos ainda, de mobilização – com algumas exceções, por sua regularidade e contundência, como foi o caso do Grupo Gay da Bahia (GGB), fundado em 1980 e talvez o primeiro

grupo de direitos homossexuais a ser registrado como sociedade civil, ainda em 1983 (TREVISAN, 2000, p. 345).

Apesar de reforçar a discriminação homossexual, o advento da AIDS também possibilitou que esse público ganhasse espaço para expressar sua existência, algo que até então não era possível dentro da sociedade (TREVISAN, 2000). Quando a AIDS deixa de ser uma doença apenas atrelada a homossexualidade e atinge o meio heterossexual, principalmente as mulheres heterossexuais pobres, o governo atua de forma mais efetiva direcionando verbas para estes públicos, além de alterar a expressão “grupo de risco” para “comportamento de risco” (FERREIRA, 2003).

Alves (2019) cita que além do surgimento da AIDS, o final dos anos de 1980 também marcou o movimento pois a homossexualidade deixou de ser conhecida como doença, o que só aconteceria muitos anos depois com a transexualidade:

Durante a década de 1980 o “homossexualismo”, termo já em desuso, ainda era rotulado como um desvio de transtorno sexual, segundo o Código de Saúde do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social. Então no ano de 1981, o Grupo Gay da Bahia deu início a campanha nacional junto a sociedade civil, onde psicólogos e psiquiatras se uniram pela exclusão da homossexualidade da lista de patologias. O que de fato ocorreu em 1985, através de decisão favorável do Conselho Federal de Medicina, cabe ressaltar que esse fato marcante ocorreu primeiramente no Brasil e apenas cinco anos mais tarde a Organização Mundial de Saúde retiraria a homossexualidade da sua lista de doenças, sendo que apenas no ano de 2018 tiraria também a transexualidade da categoria de transtornos mentais (TRANSEXUALIDADE..., 2018).

Durante os anos de 1990, o movimento LGBTQIA+ passa a ocupar novos espaços e com isso passa a ser mais visto. Além dos espaços fechados, a rua é escolhida como local para a realização de eventos importantes que dão força à comunidade. Já no ano de 1995, na cidade do Rio de Janeiro é realizada pela Associação Internacional de LGBT's uma conferência que resulta em uma marcha na Praia de Copacabana. No ano de 1996 na cidade de São Paulo, a população se organiza em evento para reivindicar seus direitos e dali sairia o planejamento para a primeira parada LGBT do Brasil, que foi realizada no ano seguinte, também na cidade de São Paulo e que atualmente ocorre em diversas cidades do país (ALVES, 2019).

Os anos seguintes foram marcados por conquistas que resultaram da luta do movimento, dentre elas destacam-se: a inclusão de companheiros e companheiras em planos de saúde; o casamento civil homoafetivo, após decisão do Conselho Nacional de Justiça; direitos como a adoção de crianças por casais de homoafetivos, sem restrição de idade através do Superior Tribunal Federal (ORGULHO..., 2020).

Em dezembro de 2011, a portaria nº 2.836 do Ministério da Saúde instituiu no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). Em 2013, o Ministério da Saúde, em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, lançou uma campanha de combate à violência contra travestis e transexuais. O Ministério também anunciou que pessoas podiam usar o nome social no Cartão SUS, com o objetivo de reconhecer a legitimidade da identidade desses grupos e promover o maior acesso à rede pública (ORGULHO... , 2020). Em 2019, o Supremo Tribunal Federal votou a favor da aprovação da criminalização da LGBTfobia (PUTTI, 2019). E em 2020, o STF também aprova e dá direito aos homossexuais doarem sangue (D'AGOSTINO; RODRIGUES, 2020).

Com o intuito de entender a atual realidade da comunidade LGBTQIA+ recorre-se a história do seu movimento, buscando conhecer os caminhos que foram percorridos até aqui, percebendo suas dificuldades, as conquistas alcançadas e principalmente as questões que ainda não foram alcançadas pela luta do movimento, pois é à partir desse ponto que o presente trabalho propõe-se de forma política criar uma imagem desse público que seja pensada por nós, seus próprios membros, e que confronte todos os estereótipos negativos que foram criados e reforçados diariamente pela sociedade.

3.1.1 A influência da mídia sobre a imagem da comunidade LGBTQIA+

A forma como a comunidade LGBTQIA+ é tratada em nossa sociedade é uma confirmação de como a intolerância às diferenças está presente em nosso meio, à medida em que tratamentos perjurativos como bicha, veado, sapatão, traveco, entre tantos outros são direcionados à essas pessoas, demonstram o preconceito e reforçam estereótipos negativos sobre esses corpos (VENTURI, 2008). E em geral, é dessa forma que a grande mídia expõe essa população reforçando uma imagem negativa e possibilitando ao público consumidor dessas mídias conservar e propagar esses estereótipos (ALVES, 2019).

A respeito da complexidade existente na relação entre mídia e determinados grupos de massa, Escosteguy afirma que:

No intuito de procurar compreender as relações entre cultura, comunicação e poder, ou seja, compreender os processos de comunicação de massa e o modo como uma mensagem ou texto efetivamente produzem ideologia, eles tentam deslocar a atenção da mensagem para a relação comunicativa entre a mensagem e seus receptores. Para entender o sentido de uma mensagem é necessário considerá-la enquanto interpretada por uma dada situação psicológica, histórica, social, antropológica...

receptores não são aqui sujeitos textuais, mas sujeitos sociais [...] (ESCOSTEGUY, 2008 *apud* ALVES, 2019, p.31-32).

O acesso à informação, democratizado pelas redes sociais digitais, têm contribuído para o fortalecimento do movimento LGBTQIA+ , assim como para muitos outros grupos, na medida em que permite que pessoas fora do padrão heteronormativo cisgênero branco tenham voz ativa e alcancem espaços onde possam discutir suas pautas, compreendendo que podem ser o seu próprio padrão sem a necessidade de igualar-se a um único. Existe ainda o reforço dessas lutas pelos discursos de personalidades que surgem nesse meio de ativismo digital contribuindo no combate ao preconceito sofrido por esses grupos (ALVES, 2019).

Em reforço ao entendimento da imagem que os corpos LGBTQIA+ carregam ao longo dos tempos, buscou-se compreender como os meios de comunicação têm atuado nesse sentido entendendo como eles podem influenciar os seus espectadores/ouvintes para que a solução aqui proposta possa de forma responsável e consciente contribuir com uma imagem livre de preconceitos e estereótipos sendo um espaço seguro para apresentação de corpos diversos.

3.2 Estudos de Corpo *Queer*

Nesta seção serão abordados os estudos que envolvem gênero e sexualidade e que dão origem a teoria *queer* e, através dessa perspectiva teórica, será discutido o conceito de performatividade de gênero, baseado na visão de Judith Butler, uma importante estudiosa da área. Para explorar esses campos, é investigado as divergências teóricas da área, o começo dos estudos, o ativismo queer e o questionamento a respeito da dualidade de gênero. A seção tem a intenção de expor o que estudiosos têm pensado e discutido sobre temas relevantes para esse trabalho.

3.2.1 Teoria *Queer*

Durante os anos 90 um grupo de intelectuais passou a utilizar o termo política *queer* para nomear suas produções e seu posicionamento teórico. Esse grupo era composto por estudiosos de diferentes áreas, com pensamentos diferentes que promoviam grandes discussões, mas que ainda assim se destacavam de forma positiva naquilo em que concordavam (LOURO, 2001).

Os/as teóricos/as queer constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante, eles/elas compartilham alguns compromissos amplos— em particular, apóiam-se fortemente na teoria

pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; põem em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentrada ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes.(SEIDMAN, 1995, p. 125 *apud* LOURO, 2001, p. 125).

Segundo Bento (2014) esses pensamentos e ideias também eram a base do ativismo *queer*, que aconteciam de forma simultânea aos estudos. A autora discorre sobre pontos centrais desses dois campos, além de opinar sobre a ressignificação da palavra *queer* para defini-los.

Os estudos/ativismo *queer* se organizam em torno de alguns eixos:1) desnaturalização das bioidentidades (coletivas e individuais); 2) ênfase nas relações de poder para interpretar as estruturas subjetivas e objetivas da vida social; 3) a permanente problematização das binariedades; 4) prioridade à dimensão da agência humana; 5) crítica ao binarismo de gênero (masculino versus feminino) e sexual (heterossexual versus homossexual). Estes pontos não podem ser tributados originalmente aos estudos *queer*. A questão da prática como modalidade explicativa da vida social, por exemplo, e que nos estudos/ativismo *queer* assumirá o nome de teoria da performance, marca um debate nas Ciências Sociais conhecido como a clássica tensão entre indivíduo versus sociedade. O que me parece original nessa perspectiva teórica e política é a relação que passa a estabelecer com os insultos que funcionaram historicamente como dispositivos discursivos que calaram, produziram vergonha e medo entre os gays, lésbicas e as pessoas trans (BENTO, 2014, p. 44).

Os estudos da teoria *queer*, por confrontarem as construções sociais e culturais sobre gênero e sexualidade, dialogam diretamente com os corpos estudados nesta pesquisa, pois são eles os representantes dessa diversidade na qual os estudos se apóiam. Nesse sentido, os estudos buscam romper a supremacia heterossexual imposta pela sociedade como o único padrão possível, trazendo esses corpos enquanto indivíduos que fogem ao padrão mas que ainda sim são parte da sociedade.

3.2.2 Performatividade de Gênero

Butler (2003) entende o gênero como uma construção social reduzida à binaridade e questiona o fato da sociedade definir o que é ser homem e mulher através do padrão que designa o que é corpo masculino e corpo feminino.

A autora afirma não ter como separar sexo de gênero, não existe sexo que não seja gênero pois nossos corpos são “generificados” desde o nascimento, moldando a forma como devemos agir. A partir desse pensamento, a autora conclui que gênero é aquilo que nós “fazemos”, comportamentos e ações, e não algo que “somos” (Butler, 2003).

O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá construir a aparência substantiva do gênero em seus atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social. (BUTLER, 2003 *apud* SALIH, 2012, p. 89).

Entender os fundamentos dos estudos sobre corpos *queer*, é importante para perceber o contexto em que esses corpos estão inseridos, como são vistos e quais discussões já existem a respeito deles. Os corpos pertencentes à comunidade LGBTQIA+ muitas vezes fogem daquilo que lhes foi imposto em seu nascimento, não correspondendo aos padrões impostos pelo conceito inventado e replicado de dualidade de gênero, e com isso são colocados à margem da sociedade.

A teoria *queer* valoriza as experiências desses corpos pois se utiliza delas para fundamentar seus estudos e confrontar as construções da sociedade, apoiado nessa ideia este trabalho pretende dar visibilidade a estes corpos, que tanto sofrem com a invisibilidade decorrente do não cumprimento aos padrões sociais e culturais existentes e dominantes.

3.3 Fotografia e Memória

Nesse trabalho, escolhe-se a fotografia como meio para registrar as imagens desses corpos por enxergar nela inúmeras possibilidades de criação de imagens, além do registro fotográfico oferecer uma leitura visual a partir do que for ali retratado, possibilita uma melhor assimilação do espectador/usuário com as imagens e a história que pretende-se contar através delas. É percebido então uma potência que a arte fotográfica possui e que é corroborada com a ideia de Leite e Garcia (2012) quando os autores:

[...] traduzem a fotografia como potência, que comunica, expressa diferentes textos e linguagens, enfatiza e ofusca elementos numa mesma cena, também produz discursos, narra a relação de interdependência entre a imagem e o sujeito que a produz, sinaliza, especialmente o sujeito da (in)imaginação. Na arte de fotografar aparecem modos de ver e de representar o acontecimento. Como as fotografias não possuem um caráter fixo, padronizado, elas podem deslocar olhares e sentidos desconexos da cena fotografada (LEITE; GARCIA, 2012, p. 206).

A presente pesquisa se utiliza da fotografia para dar margem a outras imagens e narrativas da diversidade de corpos LGBTQIA+, embora sejam narrativas independentes, elas se conectam ao passo que são corpos que pertencem à mesma comunidade mas ali estão apresentados enquanto indivíduos. A linguagem fotográfica será a responsável por auxiliar a

proposta em confrontar a invisibilidade enfrentada por essa comunidade.

Para Felizardo e Samain (2007), desde o surgimento da fotografia no século XIX, uma das características mais importantes e que lhe asseguram um status de credibilidade é o fato dela conseguir capturar diversos recortes do mundo, apresentando-os como eles realmente são. A palavra fotografia vem do grego e significa escrita da luz.

Essa discussão é corroborada por Voigt e Martins (2016), quando os autores refletem sobre a essência da fotografia estar ligada ao fato dela comprovar que algo (objeto e cena) realmente aconteceram em um período e espaço e foram presenciados por alguém que os registrou fotograficamente. É essa característica que Barthes trata como “traço inimitável da fotografia” (seu noema¹) indicado pelo “isso foi” (BARTHES, 1984, p.118).

Roland Barthes afirma em seu livro *A Câmera clara* (1980) que a imagem fotográfica é “uma emanção do real passado: uma magia, não uma arte” (BARTHES, 1980, p. 132). Segundo Voigt e Martins (2016), Barthes eleva a fotografia a “um ritual de culto e a considera como ícone intocável ao afastá-la das outras formas de arte” (VOIGT; MARTINS, 2016).

Voigt e Martins (2016), citam que, para Barthes, a imagem fotográfica é uma comprovação de que algo existiu no passado, por ela possuir características como a imobilidade e captura do tempo, e para Walter Benjamin a fotografia é um fruto originado pela grande disseminação de outras obras que ele julgava como artísticas. Os dois autores veem a fotografia como um ícone de recordação familiar que só tem sua função alcançada no momento em que se encontra dentro de um álbum, e para eles se a criação fotográfica foge dessa realidade privada, é considerada como algo banal e mercadológico pois tudo parece ter se transformado em “consumo de imagens” (VOIGT; MARTINS, 2016).

Para Voigt e Martins (2016), o filósofo francês Jacques Rancière contrapõe alguns pontos defendidos por Barthes e Benjamin, em se tratando de imagem, arte e fotografia. Rancière também acrescenta pontos importantes na discussão sobre fotografia ao longo dos tempos. Em seu livro *O espectador emancipado* (2008) o filósofo afirma ser necessário questionar a ideia de que o excesso de imagens é a causa dos males da sociedade moderna. Para ele, o excesso se encontra na quantidade de pessoas tidas como especialistas e responsáveis que ditam para onde devemos olhar e o que devemos pensar a respeito dessas imagens (VOIGT; MARTINS, 2016, p. 257). Sendo assim, vemos corpos sem nomes, “corpos que são objeto de palavra sem terem a palavra”, pertencentes a um sistema que “consiste em

¹ Noema é um conceito desenvolvido pelo fenomenólogo alemão Edmund Husserl. O noema está relacionado ao pensamento que se tem através das vivências de um observador sobre determinado objeto, mas que não necessariamente está ligado ao significado do objeto.

nos ensinar que não é qualquer um que é capaz de ver e falar” (RANCIÈRE, 2012b, p. 94). Com isso, entende-se que a principal questão levantada pelo filósofo é a discussão da lógica dominante de um sistema que determina que poucos detêm as palavras e que são responsáveis por repassá-las ao grande público (VOIGT; MARTINS, 2016).

Para Felizardo e Samain (2007), a fotografia foi responsável por transformar o modo como a sociedade da época de seu surgimento enxergava o mundo, sendo capaz de revolucionar a memória e o pensamento moderno. Entendida como um fenômeno esclarecedor que é capaz de registrar um acontecimento sem alterá-lo, o apresentando em seu estado real, o que lhe garante total credibilidade, a fotografia possibilitou grandes contribuições para o desenvolvimento de diferentes campos de estudo da sociedade. (FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p. 215).

Le Goff (2003 *apud* FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p. 212), em seu livro *História e Memória*, cita dois fenômenos que surgiram ao longo dos tempos e que estão entre as mais importantes expressões de memória coletiva: um deles ocorreu no começo do século XX, que foi a construção de monumentos em homenagem aos mortos, e o segundo ainda no século XIX foi o aparecimento da fotografia que “revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2003 *apud* FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p.212).

Quando se trata da influência da fotografia sob a memória, Felizardo e Samain (2007) reforçam as palavras de Le Goff ao afirmarem que a fotografia revolucionou a memória. Essa revolução pode ser entendida quando os autores afirmam que a fotografia possibilita o acesso à memória de modo que o indivíduo visita um passado, visualizando elementos que o permitem entender o seu presente, até mesmo quando o observador não foi o mesmo que a viveu anteriormente.

Seixas(2001), trata memória sobretudo como uma “(re)criação do passado”: uma reconstrução ligada ao passado (podendo ser entendida como subversiva quando é capaz de evidenciar a periferia e os marginalizados), proporcionando aos grupos sociais mais diversificados o entendimento do seu presente e reconstrução de suas identidades, adentrando nas estratégias que reivindicam seu direito pelo reconhecimento (SEIXAS, 2001, p.42).

Para Oliveira (2011), a memória também é entendida como uma criação do passado, e o meio responsável por possibilitar a imaginação e formação desse passado é a fotografia. O autor reforça que ela não é capaz de nos dar a dimensão exata do que foi retratado, mas apenas um acesso limitado ao real, embora carregue uma história consigo ela ainda assim não

é capaz de repassar os seus mínimos detalhes (OLIVEIRA, 2011, p. 44).

Pollak, em *Memória e Identidade Social* (1992), fala sobre os elementos que compõem a memória: tanto a individual quanto a coletiva. Segundo ele, na memória individual os acontecimentos são experienciados pelo próprio indivíduo, enquanto na memória coletiva os acontecimentos são vivenciados pela comunidade ao qual o indivíduo pertence e o que ele chama de acontecimentos “vividos por tabela” (POLLAK, 1992, p 201).

A respeito das mensagens contidas nas imagens fotográficas, Oliveira (2011) afirma que elas se apresentam de forma ampla, podendo ser uma mensagem diferente para cada pessoa que a observa. E quando se refere à memória presente naquela fotografia, o passado é atualizado a partir do entendimento e ponto de vistas do presente, ponto esse justificado pelo autor ao citar que a fotografia não é capaz de apresentar o estado real do que foi fotografado, mas se trata de um “fenômeno fotográfico” que possibilita o observador fazer leituras de novas fotografias a partir de uma em questão (OLIVEIRA, 2011).

Oliveira (2011), discorre ainda sobre a comunicação que é estabelecida através das fotografias que possibilita a criação de um ambiente capaz de expressar sentimentos, embora a transmissão de informações essenciais para a construção social de significados culturais seja limitada. Apesar da fotografia não possuir uma linguagem verbal, ela carrega indícios que remetem a determinados períodos, esses indícios são nomeados pelo autor como signos da fotografia e são responsáveis pela relação entre memória e fotografia. Memória essa que é capaz de ativar as ideias dos que fazem uma leitura da imagem fotográfica (OLIVEIRA, 2011, p. 63).

Como este trabalho se utiliza da linguagem da arte da fotografia para possibilitar uma discussão a respeito das construções sociais atuais que atravessam os corpos pertencentes à comunidade LGBTQIA+, foi necessário recorrer à visão de alguns autores sobre fotografia e suas funções. Aqui pôde ser percebido como alguns deles limitam a fotografia à função de registro familiar, enquanto outros a percebem como uma ferramenta capaz de ir além disso, quando carrega em si signos que comunicam sobre aquilo que foi retratado e podem despertar sentimentos e diferentes tipos de interpretações naqueles que as observam.

Recorre-se também ao estudo da memória assim como sua relação com fotografia, visto que o intuito aqui é criar novas imagens e conseqüentemente novas memórias sobre a comunidade retratada sob um ponto de vista diferente de todo aquele que é normalizado pela nossa sociedade. Essas memórias serão capazes de revisitar um passado e discutir sobre a realidade enfrentada pelo público em questão. Do estudado, entende-se que a estética e política caminham juntas ao passo que é escolhida uma maneira de apresentar esses corpos, se

valendo da arte da fotografia, e discutindo um sistema que tenta a todo custo apagar a existência desses corpos.

4 METODOLOGIA

4.1 Pesquisa com público-alvo

O trabalho tem como base de estudos o público LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais), além de outras sexualidades e identidades de gênero no Sertão Central cearense. A proposta se constitui no desenvolvimento de um site que apresenta uma série fotográfica em forma de exposição virtual. Entende-se série fotográfica como uma sequência de diferentes imagens relacionadas ao mesmo tema. Neste trabalho, como o intuito é destacar e visibilizar a diversidade de corpos LGBTQIA+, estes serão os principais protagonistas das imagens e conseqüentemente da série.

A escolha do público em questão se dá pela necessidade de se discutir a forma como a sociedade trata esses nossos corpos. Somos colocados à margem, sendo entendidos como marginais, errados, seres desviantes, entre inúmeros adjetivos negativos que se consolidaram ao longo dos anos e são grande reforço para a manutenção dessa invisibilidade e negação de direitos.

Para se chegar até esse público de forma mais direta foi necessário conhecer grupos/coletivos que trabalham diretamente a temática LGBTQIA+ na região da pesquisa, o principal meio alcançando foi o Coletivo Mandacaru², situado na cidade de Quixadá, que trabalha com ações voltadas para o público LGBTQIA+ nesta região e que através de suas redes possibilitou o contato com o público.

Foi disponibilizado formulário *online* com descrição rápida do projeto no qual foram levantadas questões sobre sexualidade, identidades de gênero dos participantes, além de questionamentos sobre a visibilidade de corpos LGBTQIA+ na região do Sertão Central. Com as respostas dos formulários foram identificadas as pessoas interessadas em fazer parte do projeto, além de conhecer a opinião desse público com relação ao problema abordado neste trabalho e possibilitou a realização da próxima etapa.

4.2 Realização dos ensaios fotográficos

² “Página no instagram do Coletivo Mandacaru. Disponível em: <<https://www.instagram.com/mandacarulgbi/>>. Acesso em: 29 mar de 2021.

Desde que a pessoa demonstrasse interesse em participar da série, era estabelecido o contato via mensagem para que sua participação no projeto fosse explicada com mais detalhes. A partir daí todos os trâmites para a realização dos ensaios eram definidos. Eles aconteceram de forma individual para que cada participante estivesse à vontade em criar sua própria narrativa junto ao artista / autor do trabalho e em local escolhido pelo participante. Na primeira fase da série foram criadas duas imagens de cada participante com um total de 10 imagens. A partir das sugestões da banca avaliadora no TCC 1, na segunda fase a dinâmica dos ensaios foi alterada, as imagens fotográficas criadas passaram a ser do participante e do artista, nesse processo eles exerciam os dois papéis (fotógrafo e fotografado), a fim de tornar a experiência cada vez mais participativa para ambos e na tentativa de criar imagens semelhantes que viriam a compor o jogo das memórias dentro do site da série. Feito isso, os participantes assinaram o termo de uso de imagem (APÊNDICE D), autorizando que o autor deste trabalho use as imagens aqui, assim como em qualquer produto que seja desmembrado desta pesquisa.

A escolha estética para as imagens foi o preto e branco, por ser um dos estilos preferidos do autor do trabalho e para fugir da ideia de que corpos LGBTQIA+ só podem ser representados com muitas cores. Além de que a intenção é produzir com essas imagens um “estranhamento” visando destacar a essência daqueles corpos, a partir da narrativa de cada participante. Apoiar-se na ideia de que “as fotos em preto e branco carregam um ar mais dramático, onde são ressaltados conflitos, não só do branco sendo a negação do preto mas sim do que se pretende passar com a construção das imagens” (PULS, 2016).

Todas as imagens que irão compor a exposição, dentro da plataforma digital, serão resultados de imagens feitas em câmera analógica instantânea, escolha essa devido os estudos que o artista / autor do projeto vem desenvolvendo a pouco mais de 2 anos. E também pelo interesse em propiciar aos participantes a experiência da revelação de suas imagens em papel, diferente do que acontece atualmente com a instantaneidade de imagens que são feitas em *smartphones* e câmeras digitais e não reveladas instantaneamente em papel. Embora essa experiência não seja levada para a exposição virtual, o usuário poderá interagir com essas narrativas fotográficas e textuais através do jogo das memórias, tendo uma outra experiência com visualização de imagens.

4.3 Construção do Site

Com a série fotográfica concluída, a próxima etapa foi a digitalização dos registros

feitos e que foram carregados no site, que também trás a estética do preto e branco. Pensando em apresentar essa exposição virtual de forma dinâmica e interativa, escolhe-se o jogo da memória como inspiração para a criação de um outro jogo em que o usuário possa interagir de diferentes formas com as imagens desses corpos. O jogo das memórias esteve como um aliado na ideia de construção desse imaginário criado a partir da diversidade dos corpos fotografados. As imagens que compõem o jogo das memórias foram criadas na segunda fase dos ensaios por serem semelhantes, o que se aproxima da ideia de jogo da memória onde as cartas são iguais. Ao entrar no site, o usuário é recebido pela apresentação do projeto, tendo uma prévia da exposição com recortes de imagens, em que se ele clicar nelas será levado à aba de exposição, na segunda aba poderá visualizar um perfil e imagem de cada participante, a terceira apresenta a exposição completa (fase 1 e fase 2) e a quarta trás o jogo das memórias.

5 RESULTADOS

5.1 Pesquisa com público alvo

Nesta etapa houve a aplicação de um questionário online e de caráter qualitativo direcionado ao público LGBTQIA+ do Sertão Central, a fim de traçar o perfil desse público e buscar pessoas interessadas em participar de uma série fotográfica. O Mandacaru Coletivo foi o principal meio para promover a comunicação com o público, disponibilizando os contatos de sua rede, o que possibilitou o envio do formulário por meio do aplicativo de mensagens Whatsapp. Foram alcançadas 32 respostas de pessoas com idades entre 18 e 35 anos, sendo a maioria estudantes universitários (50% dos entrevistados), além de Auxiliar de Secretaria Escolar, Designer de Moda, UX/UI Designer, Cabeleireira, Operador de caixa, Professora e Vendedora. Participantes esses advindos de cidades como Madalena, Quixeramobim, Ibaretama, Solonópole, Palhano, sendo a maioria da cidade de Quixadá (21 pessoas).

Com relação à identidade de gênero, os participantes se identificaram como homens e mulheres cis, homens e mulheres trans, não binários e em se tratando de orientação sexual participaram da pesquisa pessoas que se entendem como homossexuais, heterossexuais, bissexuais e pansexuais, o que garantiu uma diversidade do público e uma boa representação para o trabalho.

Sobre a vivência LGBTQIA+ no Sertão Central, a maioria dos participantes comentou ser algo desafiador por ser uma região em que o preconceito contra a comunidade ainda é algo muito presente. Esse preconceito fica evidente quando os participantes relatam sofrerem com “olhares tortos”, “piadas” e “falta de oportunidades de trabalho para o público”. Um participante comenta: “É um desafio diário. Devido a tantos fatores culturais do sertão que enaltecem homens heterossexuais e sua masculinidade, se torna difícil não ser julgado e menosprezado”. Embora a grande maioria dos entrevistados tenham revelado que suas vivências no sertão são desafiadoras, alguns participantes acreditam que a geração atual pensa muito diferente da anterior o que colabora com a mudança da realidade enfrentada até então. Além disso, um participante relata que outro ponto favorável em sua cidade foi ela ter se tornado um pólo universitário: “[...] o que trouxe uma diversidade muito grande para a juventude de Quixadá, com pessoas vindas de todos os cantos para estudar aqui”.

A pesquisa buscou também conhecer a visão dos participantes sobre visibilidade e como ela pode contribuir para melhorias de grupos que vivem à margem da sociedade, como é o caso da população LGBTQIA+. Para um dos participantes: "Visibilidade é a representatividade positiva de grupos minoritários que são geralmente esquecidos ou estereotipados de forma ruim. É colocar essas pessoas no papel de protagonistas de suas próprias histórias de forma plural". Para os participantes essa visibilidade deve ser responsável por levantar suas pautas, e serem debatidas pelos próprios membros da comunidade fazendo com que suas vivências sejam apresentadas para a toda a sociedade ocupando espaços que até então lhes foram negados. Um outro aponta que a visibilidade é: “um tipo de visão sobre as minorias que existem mundo afora e que ela gera reconhecimento das causas e informação para quem não sabia o necessário sobre as bandeiras de lutas”. Outro ponto importante citado entre os participantes é que visibilidade deve ser entendida como um ato político, e requer um exercício constante de tomada de posicionamento por parte da comunidade perante ao apagamento sofrido por ela, nesse sentido um dos participantes reforça que devemos: "reafirmar duas vezes que nós existimos, e reafirmar duas vezes que nós estamos e seguiremos vivas”.

Quando questionados sobre a invisibilidade de corpos LGBTQIA+ no Sertão Central, 68% dos participantes afirmaram que se sentem invisibilizados e relataram em quais situações, enquanto 31% dizem não se sentirem invisibilizados. Os que dizem se sentirem invisibilizados tratam de situações desde comportamentos homofóbicos de colegas de trabalho a tomadas de decisão e políticas públicas que não estão voltadas para a comunidade. Para um dos participantes: “Essa invisibilidade se mostra em violência de diversos tipos e que

acabam me deixando sem voz, na maioria das vezes eu me calo para não ser reprimido ou até mesmo coisa pior. Infelizmente quanto menor uma cidade é, maior o preconceito, a falta de informação e a destilação de ódio de graça!”. Outro ponto levantado pelos participantes é que o mercado de trabalho não é aberto para o público e na maioria das vezes sua identidade de gênero e orientação sexual estão à frente de suas capacidades intelectuais. Nesse sentido uma participante reforça: “Em questão de emprego várias vezes me sinto invisibilizado, tipo o meu currículo se encaixava naquela vaga mas por eu ser uma mulher trans não pode preencher, muitas vezes somos julgadas por todos mas não pode ser assim”. Outros ainda refletem que a falta de movimentos/eventos para a comunidade, grupos organizados e indivíduos para se ter como referência que ampliem seus discursos, contribuem para se sentirem invisibilizados. Enquanto os participantes que não se sentem invisibilizados, reconhecem o fato de serem homens gays e gozarem de alguns privilégios com relação a outros membros da comunidade. Embora eles não sintam que a invisibilidade perpassa os seus corpos, sentem a necessidade de serem criadas oportunidades destinada à comunidade.

Foi perguntado quais são os melhores meios de comunicação usados atualmente para dar visibilidade ao público LGBTQIA+ e como eles devem ser utilizados. Na opinião dos entrevistados, dentre as opções dadas o meio que mais pode contribuir são as redes sociais com 28 votos e ações artísticas com 24 votos, mas todas as alternativas tiveram uma votação alta e próxima, como eventos e sites e blogs. Uma participante reflete que: “Devem ser utilizados de todas as formas possíveis e que puderem, sendo através de rodas de conversas, palestras, oficinas e principalmente de conscientização”. Outra sugere que sejam realizados: “...eventos educativos, e manifestações artísticas em pontos estratégicos na cidade para alcançar mais visibilidade”. Das diversas formas citadas, o ponto em comum é a questão do protagonismo que deve ser dado à comunidade LGBTQIA+. Uma participante fala que a melhor forma de utilizar esses meios é: “Dando às pessoas LGBTQIA+ capacidade, meios e ferramentas para contarem a suas histórias e vivências, mostrarem as suas capacidades e se imporem como parte não só válida mas também como essencial da sociedade”, outro concorda com esse pensamento quando trata sobre o protagonismo do público: “Sobretudo o lugar de fala, o real protagonismo das pessoas LGBTQIA+, podermos falar a partir de nossas realidades, criando relações expandidas e interseccionais, bem como compreender que estes meios são potenciais aliadas na construção da visibilidade e consequência cidadania, afinal cumprimos deveres, mas também exigimos direitos que assegurem e promovam nossas vidas”.

Em se tratando da relação dos participantes com fotografia, a maioria respondeu ter intimidade com a câmera, seja em ensaios fotográficos, registrando fotos de lugares, de amigos, ou até mesmo registros próprios. Uma das participantes conta: “Eu sou bem íntima da câmera, já sou acostumada a fazer ensaios fotográficos, a gente precisa no mundo que a gente vive”, enquanto outra diz: “Eu tenho uma relação mais de espectadora do que de uma pessoa que tira fotografias, mas eu acho importante por ser um instrumento em que você captura um momento e aquele momento de maneira mais realista do que se fosse uma pintura, ou se fosse uma escrita, uma descrição”, um deles fala que: “Eu gosto de fotografia a algum tempo, faz parte da nossa vida né, como pessoa, seja para registro de lembrança, memória, seja para momentos de descontração, felicidade entre amigos, é.. guardar, congelar aquele momento, para mim”. Com relação ao interesse em participar da série, 90% responderam que tinham interesse em participar enquanto 10% responderam não ter interesse.

Essa etapa foi fundamental para que fossem identificados aqueles que tinham interesse em fazer parte da série fotográfica, além de mostrar que o público LGBTQIA+ tem vivências desafiadoras, que passa por situações constantes de invisibilidade, reconhece suas necessidades e vê nos meios de comunicação um forte aliado na promoção de visibilidade da sua comunidade mas que acima de tudo, esse público seja protagonista de suas próprias histórias e vivências. A partir disso, é possível ver que uma ação artística como a série criada neste trabalho e disponibilizada em um site específico para isso tem relevância para o seu público.

5.2 Entrevistas e realização dos ensaios fotográficos

Essa etapa contou com a participação de 12 pessoas, número inferior àquele alcançado nos questionários. Isso ocorreu por conta das dificuldades de encontros presenciais durante o isolamento social em decorrência da COVID-19 (período em que o trabalho foi realizado), sendo assim alguns interessados não tiveram como participar dos ensaios fotográficos, principalmente os que não residiam na cidade de Quixadá.

O momento do ensaio era dividido em três partes: primeiro era apresentado a proposta do trabalho, em seguida havia uma entrevista³ rápida com perguntas que buscavam entender a relação do participante com seu corpo, como ele desejava ser retratado e se haviam elementos a serem introduzidos na cena. No segundo momento eram feitas as duas fotos e por último

³ As falas completas desta etapa de entrevistas foram suprimidas, a fim de preservar a intimidade dos participantes, pois percebe-se que a melhor forma de apresentá-los dentro do site é a partir de suas imagens e descrições próprias, que foram obtidas nessa etapa do trabalho.

uma nova entrevista acerca das impressões do participante sobre a sua experiência em fotografar e ser fotografado, sua visão sobre o processo, e como era para aquele corpo enquanto membro da comunidade LGBTQIA+ viver no Sertão Central.

Em se tratando da relação que os participantes tinham com o seu corpo, muitos falam sobre aceitação e como esse processo é difícil, porém necessário. Nesse sentido, o **participante 1** fala que as negações do próprio corpo se dão pelos padrões impostos pela sociedade, o que dificulta no processo de aceitação. Em suas palavras, “é um casamento, a relação do aceitar, é o enamorar o corpo porque primeiro é um processo de negação por tudo que nos foi imposto e esse imaginário fica por muito tempo hibernando dentro de você [...] e com o passar do tempo você vai percebendo que não é bem assim”.

A respeito da relação com o corpo feminino, a **participante 6** relata sobre o seu desconforto com os olhares que recebe em determinadas situações, nos quais a faz sentir como o corpo feminino é mais sexualizado que o masculino: “Uma grande dificuldade minha é sair sem sutiã e não me sentir invadida quando alguém fica olhando pro meu corpo”. Ainda sob o ponto de vista feminino, a **participante 5** discorre como os padrões impostos sobre corpos femininos a fizeram se sentir desconfortável em momentos de sua vida. Enquanto mulher magra, ela sentia que se não tivesse um “bundão” e um “peitão” não seria um corpo capaz de despertar o interesse do outro. Porém, nunca concordou com essa imposição, já que admira os corpos pelas suas diferenças e formas.

Alguns participantes refletem sobre outras visões de suas relações com seus corpos, como é o caso do **participante 2** quando diz: “Acho que meu corpo é uma imagem daquilo que eu sou por dentro, e se por dentro eu me sinto livre, sou libertador de certa forma”. Já a **participante 3** relata que precisou passar por mudanças para se sentir melhor consigo mesma, e que elas foram responsáveis por alterar de forma positiva a relação com seu corpo: “Eu me sinto uma mulher, era tudo que eu sempre quis, a aparência bem feminina”.

Essa etapa possibilitou conhecer a relação de cada participante com seu corpo e a partir disso como desejavam serem retratados, independente se já chegavam com a ideia pronta para ser executada, ou se era necessário uma conversa que discutisse os pontos necessários para a construção das imagens de acordo com seus interesses.

Sobre o desejo de como representar seu corpo em imagem, a **participante 3** afirmou querer mostrá-lo como confirmação de que alcançou seus objetivos e é ele quem conta essa história: “Durante 5 anos eu morei fora de Quixadá para reconstruir meu corpo do jeito que eu sempre quis, e hoje eu vejo que ele fala tudo que eu já vivi em São Paulo. Então eu pretendo mostrá-lo como prova de que eu fui e consegui”. O momento de pandemia e isolamento social

também influenciou na construção da imagem dos participantes mas não impediu que fossem alcançados resultados satisfatórios, como no caso do **participante 1** que refletiu: “Nós estamos no meio de um isolamento, no meio de uma pandemia [...] esse momento o corpo tá tão recolhido quanto eu, por isso a proposição é mais intimista”.

Um dos pontos mais surpreendentes e satisfatórios dessa etapa do trabalho foi perceber como cada participante esteve empenhado em narrar suas histórias e pensar suas imagens, indo além do que foi falado por cada um e esperado pelo artista. Esse foi o caso do **participante 4** que desejava ser retratado em um momento de fragilidade e cortou o cabelo durante o ensaio: “pensei em ser uma foto eu cortando o meu cabelo, despido, totalmente nu”. A **participante 6** também desejava se apresentar enquanto vulnerável mas, que também revelasse a força que ela tem: “Quero mostrar força, mas também mostrar vulnerabilidade. Acredito que exista vulnerabilidade, eu acho que ela coexiste com a força”. Com outro desejo, o **participante 8** contou que sua imagem seria: “A história de uma bicha numa festa assim muito animada, uma coisa meio erótica, um pé alí no pornô, ou uma coisa sexy, é isso, sensual”. Para o **participante 2** a ideia foi criada a partir de um sonho que ele teve: “Pensei na massa de mandioca, que seria branca, cobrindo o corpo de certa forma para simbolizar essa parte do sonho em que eu saí de um córrego sujo e que na verdade fez com que eu me sentisse mais livre e purificado do que nunca”.

Esse desejo de expressar diferentes sentimentos esteve muito presente entre os interesses dos participantes, o que foi totalmente positivo para esta pesquisa já que ela reflete sobre a possibilidade deles próprios apresentarem suas diferentes narrativas através de seus corpos e que não existe uma única imagem criada pelo outro que seja capaz de representar tudo o que eles sentem e passam ao longo de suas vidas.

Após os ensaios fotográficos dos participantes e do artista, ocorreu uma segunda entrevista com o intuito de saber suas impressões e de forma unânime os participantes afirmaram ter gostado do resultado e que fariam mais fotos no mesmo estilo. Ao ser perguntada como as imagens a representava, a **participante 3** afirma ter sido um resgate a memória de quem ela foi no passado: “Eu vejo meu antes e o meu depois, não tenho mais fotos de antes, só tenho foto de agora, é como se eu tivesse ido lá no passado e ter achado uma foto do meu antes. E foi maravilhoso, a gente não vive só do presente”. Na visão do **participante 4** a fotografia expõe tudo que ele sempre tentou esconder “Da forma mais vulnerável possível, mostrou todas as minhas relações com o meu corpo, tudo que eu odiava antes, tudo que eu estou aprendendo a aceitar hoje”.

A **participante 5** conta que se sentiu satisfeita com o resultado de seu ensaio, pois saiu da forma como ela desejava, sendo retratada de forma natural, o que para ela reflete a beleza do corpo humano. Para o **participante 6**, as imagens representaram a sua busca por: “Sair de algumas vulnerabilidades, enfrentá-las, ser forte para conquistar as coisas, vivê-las”. E para a **Participante 7**: “Ela representa alguém que tá ainda mais a vontade no corpo, que se conhece, que consegue definir e descobrir as limitações e se amar do jeito que é”.

Essa etapa da entrevista foi de grande importância para o projeto, pois através das respostas dos participantes houve a confirmação de que a fotografia cumpriu a função esperada neste trabalho, construindo imagens dos participantes que os representassem a partir de seus pontos de vista e olhares sobre si.

Ao final da entrevista foi levantado o questionamento de como era para os participantes enquanto pessoas LGBTQIA+ viverem no Sertão Central, e dentre as respostas foi citado que “é um desafio”, “é invasivo”, enquanto alguns enxergam como uma vivência libertadora, e para outros “é normal” e se sentem confortáveis em viver aqui. Dentre o que foi levantado é importante destacar algumas falas como a do **participante 2** que afirma ser uma vivência desafiadora pois ele sente que sua existência provoca medo e raiva nas pessoas que demonstram isso através de seus olhares. Conta ainda o quão foi difícil conviver com isso inicialmente, tendo cogitado se encaixar nos padrões heteronormativos, mas com o passar do tempo se entendeu como uma pessoa multifacetada, que gosta de ser quem é e não nega sua existência. Enquanto para a **participante 3** é algo bem natural: “Olha eu me sinto normal como qualquer outra pessoa, vista, um pouco desejada mas eu me sinto bem, olhares curiosos o que para mim é normal”.

Foi percebido também que alguns dos participantes que vieram de outras cidades encontram na região abertura para se expressarem como desejam. Nesse sentido, o **participante 4** reflete: “Comparado a [cidade] de onde eu venho é muito mais livre, é muito mais fácil aqui de se expressar”. O mesmo sentimento é compartilhado pela **participante 5**, embora não negue que algumas pessoas agem de forma preconceituosa. Ela fala que, apesar de já ter sofrido violências verbais no sertão central, continua demonstrando afeto publicamente pois vê isso como um ato também político. A participante afirma encarar a experiência na região como libertadora, e acredita que cada um tem a possibilidade de mudar o lugar que está, demonstrando sua identidade e afetos sem medo, a fim de naturalizar suas expressões.

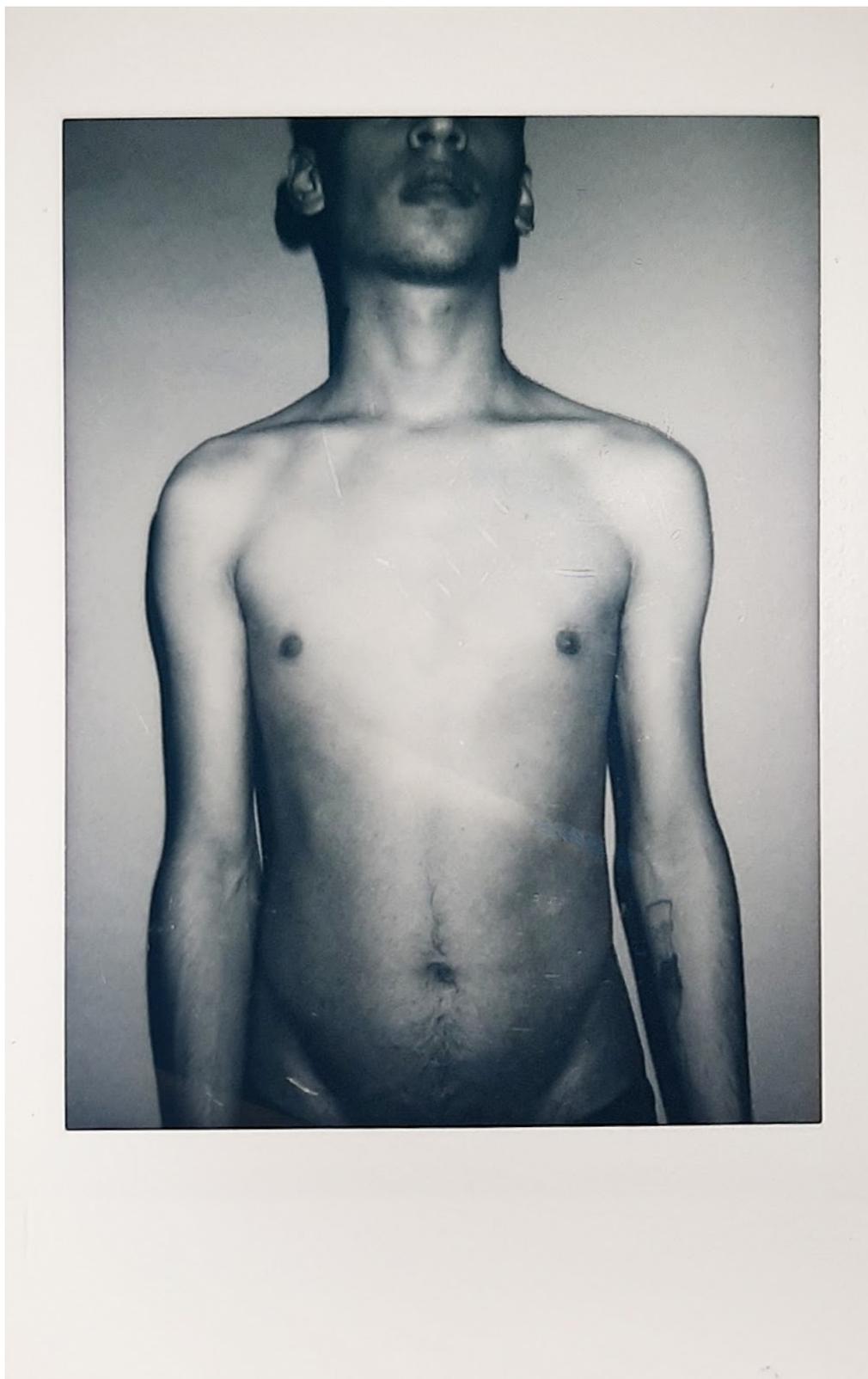
Essa etapa possibilitou colocar em prática o desejo de construir imagens de corpos LGBTQIA+, nas quais os mesmos tivessem grande protagonismo no processo de criação das

imagens, tanto das deles a partir de suas ideias, como nas que eles registrassem do artista/autor do trabalho. Esse processo resultou na Série intitulada Nós, composta por 28 (vinte e oito imagens) imagens, e o resultado pode ser visto a seguir.

5.2.1 Série Fotográfica - Nós

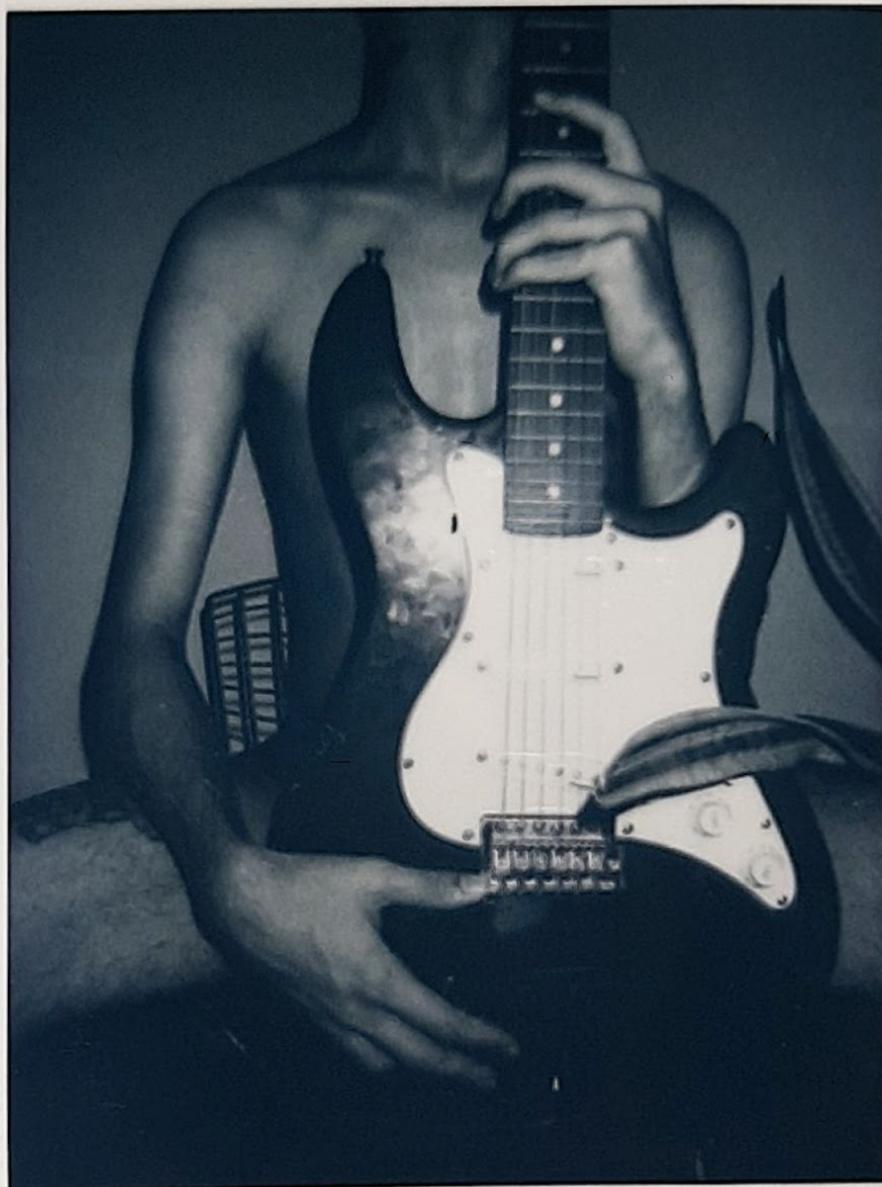
Fase 1:

Figura 05 - Nós - Foto A



Fonte: Autoria própria

Figura 06 - Nós - Foto B



Fonte: Autoria própria

Figura 07 - *Nós* - Foto C

Fonte: Autoria própria

Figura 08 - *Nós* - Foto D

Fonte: Autoria própria

Figura 09 - *Nós* - Foto E

Fonte: Autoria própria

Figura 10 - *Nós* - Foto F

Fonte: Autoria própria

Figura 11 - *Nós* - Foto G

Fonte: Autoria própria

Figura 12 - *Nós* - Foto H

Fonte: Autoria própria

Figura 13 - *Nós* - Foto I

Fonte: Autoria própria

Figura 14 - *Nós* - Foto J

Fonte: Autoria própria

Fase 2:

Figura 15 - Nós - Foto K



Fonte: Autoria própria

Figura 16 - *Nós* - Foto L

Fonte: Autoria própria

Figura 17 - *Nós* - Foto M

Fonte: Autoria própria

Figura 18 - *Nós* - Foto N

Fonte: Autoria própria

Figura 19 - *Nós* - Foto O

Fonte: Autoria própria

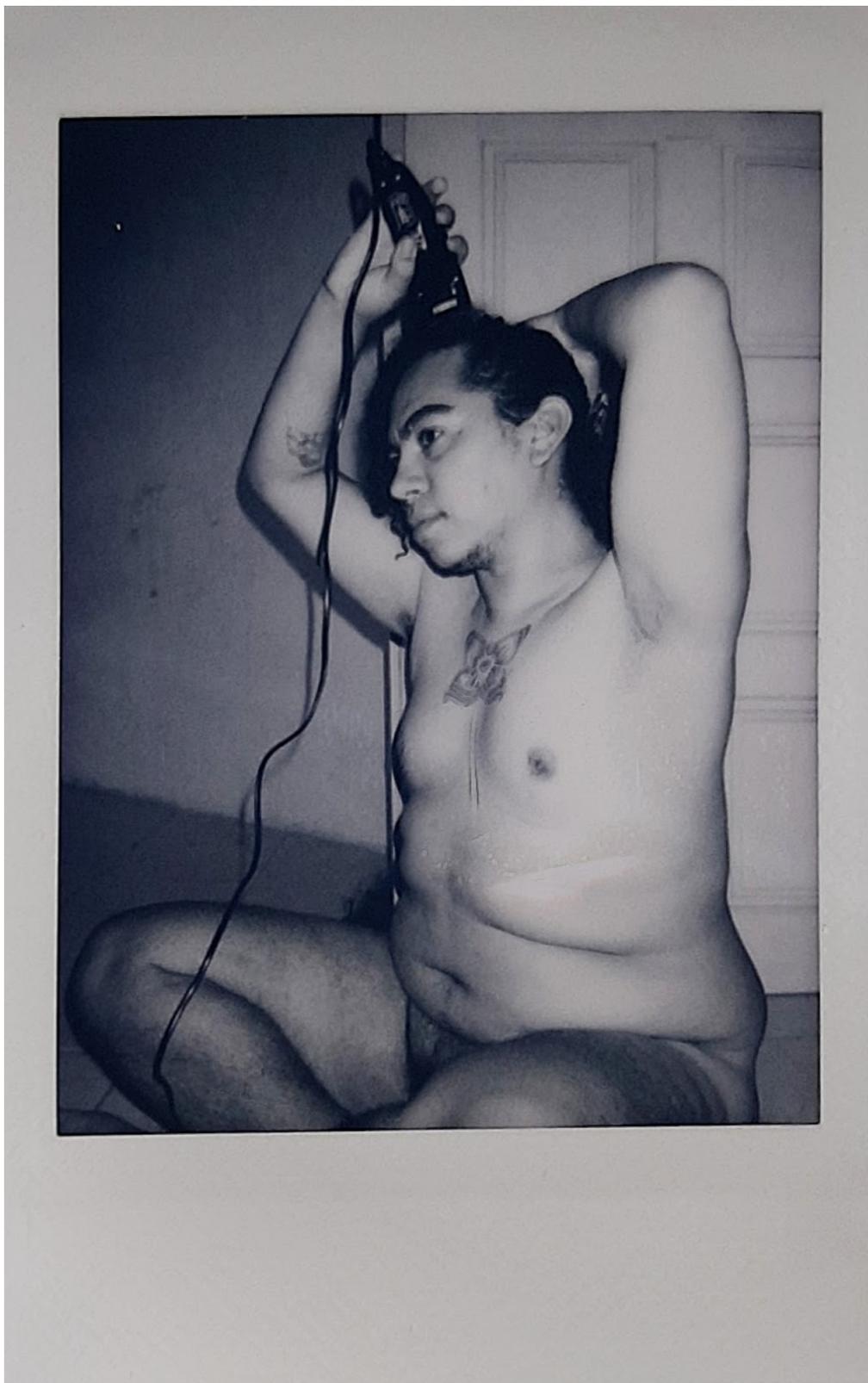
Figura 20 - *Nós* - Foto P

Fonte: Autoria própria

Figura 21 - *Nós* - Foto Q

Fonte: Autoria própria

Figura 22 - Nós - Foto R



Fonte: Autoria própria

Figura 23 - *Nós* - Foto S

Fonte: Autoria própria

Figura 24 - *Nós* - Foto T

Fonte: Autoria própria

Figura 25 - *Nós* - Foto U

Fonte: Autoria própria

Figura 26 - *Nós* - Foto V

Fonte: Autoria própria

Figura 27 - *Nós* - Foto W

Fonte: Autoria própria

Figura 28 - *Nós* - Foto X

Fonte: Autoria própria

Figura 29 - *Nós* - Foto Y

Fonte: Autoria própria

Figura 30 - *Nós* - Foto Z

Fonte: Autoria própria

Figura 31 - Nós - Foto A1



Fonte: Autoria própria

Figura 32 - *Nós* - Foto B1

Fonte: Autoria própria

5.3 Desenvolvimento do site

Para a construção do site inicialmente foi feita uma prototipação de baixa fidelidade, utilizando papel, seguido de prototipação de média fidelidade (APÊNDICE E) que possibilitou uma visão mais ampla das interfaces e o funcionamento do site. Na etapa seguinte, com a prototipação de alta fidelidade foi possível alcançar a versão final das interfaces que serviram de base para o desenvolvimento. As etapas de média e alta fidelidade foram feitas utilizando o software Adobe XD. O site foi desenvolvido com Angular 11, que é um framework web, baseado em typescript e de código aberto. Para a estilização utilizou-se o SASS (*Syntactically Awesome Style Sheets*⁴), por ser uma folha de estilo dinâmica e intuitiva, que facilitou a construção do site.

5.3.1 Hospedagem do site

O site foi hospedado no domínio <https://projetonos.quixada.ufc.br/> pertencente a Universidade Federal do Ceará.

5.3.2 Diretrizes visuais

5.3.2.1 Marca

Figura 33 - Marca Nós



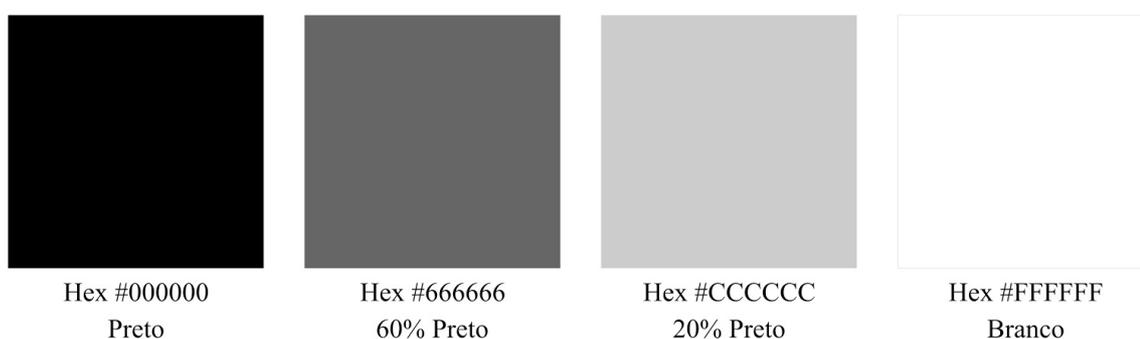
Fonte: Autoria própria

⁴ Sass: Syntactically Awesome Style Sheets, que em tradução livre significa Folhas de Estilo com Sintaxe Espectacular

A marca ‘Nós’ carrega o nome do projeto com um tipo que se assemelha à escrita a mão. Essa escolha foi para remeter às assinaturas feitas nas margens contidas em todas as imagens do tipo polaroid.

5.3.2.2 Paleta de cores

Figura 34 - Paleta de Cores utilizada no site



Fonte: Autoria própria

A paleta de cores em escala de cinza foi escolhida como um reforço à toda estética entre preto e branco utilizada no trabalho.

5.3.2.3 Tipografia

Por ser uma tipografia que se assemelha à escrita a mão, escolhe-se a Black Colnes para ser utilizada nos títulos dos textos dentro do site. Já como fontes secundárias, foram escolhidas a Arial e Helvetica por possuírem uma estrutura forte e serem de fácil compreensão.

Figura 35 - Tipografia utilizada no site

Aa Black Coches

The quick brown fox jumps over the lazy dog

Tipografia da logo e títulos do site

Aa Arial

the quick brown fox jumps over the lazy dog

Tipografia de apoio

Aa Helvetica

the quick brown fox jumps over the lazy dog

Tipografia para textos do site

Fonte: Autoria própria

5.3.2.4 Telas do Site

Figura 36 - Tela 1 do site - projeto



Fonte: Autoria própria

Figura 37 - Tela 2 do site - participantes

Nós PROJETO PARTICIPANTE EXPOSIÇÃO JOGO DA MEMÓRIA

Jefferson Skorupski
33 anos - MultiArtVistista - Madalena-CE

"Quem eu sou? Oxe me ver, viado! Do sério, sou do mundo, ah... sou indefinição, quando pede pra te definir eu acho perigoso porque definir é pôr um fim, eu não gosto de pôr um fim. O tempo todo estou sempre em transição do meu próprio eu. Sobre a relação com meu corpo é um casamento, a relação do aceitar, é o enamorar o corpo, porque primeiro é um processo de negação por tudo que nos foi imposto e esse imaginário fica por muito tempo hibernando dentro de você e com o passar do tempo você vai percebendo que não é bem assim?"

Bruno
25 anos - Designer de Moda - Quixadá-CE

Fonte: Autoria própria

Figura 38 - Tela 3 do site - exposição

Nós PROJETO PARTICIPANTES EXPOSIÇÃO JOGO DAS MEMÓRIAS

Raul Plassman

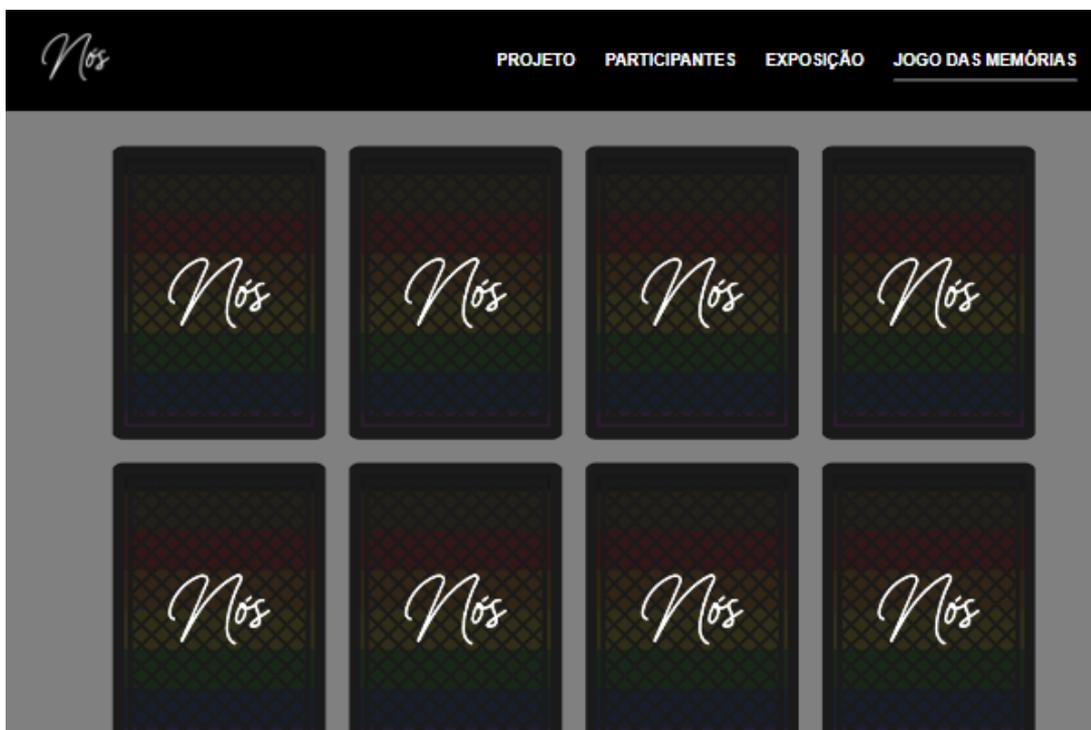
Herbster Alex

Herbster Alex

Herbster Alex

Fonte: Autoria própria

Figura 39 - Tela 4 do site - jogo das memórias



Fonte: Autoria própria

6 CONCLUSÃO

Este trabalho surge a partir de um incômodo com a imagem negativa que está atrelada aos nossos corpos LGBTQIA+ dentro da sociedade. A partir disso buscou-se dar visibilidade a esse público dentro contexto Sertão Central do Ceará, se utilizando da fotografia para criar uma série de imagens que apresentasse esses corpos sob a perspectiva de cada indivíduo, e que posteriormente fosse exposta dentro de um site.

As pesquisas que embasaram esse estudo permitiram entender a importância do movimento LGBTQIA+ na luta pela garantia dos direitos da comunidade, além de revelar a necessidade de serem criadas outras possibilidades de luta, pois ainda há muito a ser conquistado. Além da Teoria Queer que em seus estudos busca evidenciar e validar a existência desses corpos e combater as construções sociais e culturais de uma sociedade regida por um padrão heteronormativo, legitimando a presente pesquisa. Percebeu-se ainda a

fotografia como criadora de memórias e um meio possível para explorar a discussão levantada neste projeto.

Sobre os estudos de fotografia, esta pesquisa buscou ir além da visão de Barthes e Benjamin, quando decide usar a fotografia como meio para falar sobre corpos marginalizados dentro de uma sociedade, percebendo a arte da fotografia como um campo vasto a ser trabalhado e que não está limitado a um ícone de recordação familiar, guardado em um álbum, como apontam os autores. Aqui entende-se que essa é uma possibilidade de uso da fotografia, mas que não deve ser a única, por se tratar de uma arte que possibilita explorar vários campos e diferentes realidades dentro de uma mesma sociedade. Além disso, o intuito aqui é o de se utilizar de meios digitais para que os corpos registrados alcancem visibilidade e possam ser discutidas questões já levantadas pelo movimento LGBTQIA+.

Foram realizadas pesquisas com o público que possibilitaram entender como ele se sente invisível dentro da região e o mesmo concorda que ações criadas com o intuito de representá-lo podem ser usadas para mudar essa realidade.

A etapa dos ensaios fotográficos permitiu que fosse alcançada a ideia inicial de construção conjunta das imagens. Pretendeu-se dar voz aos participantes valorizando a sua visão de como desejavam ser retratados, os tornando parte do processo criativo. Além disso, os participantes puderam estar do outro lado da câmera enquanto fotógrafos ao registrarem o artista, criando imagens inspiradas nas suas. Essa inversão de papéis teve o intuito de provocar uma aproximação entre os corpos a partir das imagens, que embora diferentes fazem parte da mesma comunidade. As fotografias criadas nessa etapa serão entregues aos participantes logo após a apresentação deste trabalho.

O site é o responsável por apresentar o projeto Nós, tendo a exposição da série fotográfica como o principal foco, além de apresentar os participantes de forma individual e um jogo das memórias pensado a partir das imagens da segunda fase dos ensaios fotográficos, que de forma dinâmica, tem o intuito de despertar no usuário a criação de um novo imaginário e memórias sobre os corpos ali retratados e da comunidade da qual fazem parte.

Como trabalhos futuros pretende-se criar junto ao Coletivo Mandacaru, uma exposição física em algum espaço de arte e cultura na cidade de Quixadá, além de um fotolivro que traga essas histórias reveladas em papel. Também pretende-se tornar a série um trabalho contínuo dentro da região, buscar novos participantes e apresentar suas histórias.

Por fim, espera-se que este trabalho seja um incentivo a outras propostas de debates e pesquisas nos diversos campos, nas quais o protagonismo LGBTQIA+ seja uma constante. Entende-se aqui a importância de ter cada vez mais o próprio público em foco, não só como

objeto de estudo mas também como construtor do conhecimento e que possa contribuir na geração de visibilidade, informação e conhecimento para a sua comunidade. A série fotográfica, que de forma artística apresenta uma leitura sobre esses corpos, é uma forma de levantar essa discussão, mas compreende-se que existem muitas outras e que podem ser desenvolvidas no intuito de dar voz a uma comunidade que vem sendo marginalizada ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Disponível em: https://ead2.iff.edu.br/pluginfile.php/160169/mod_resource/content/1/Dicion%C3%A1rio%20de%20Filosofia%20-%20Nicola%20Abbagnano.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.
- ALVES, Mateus Felipe. **Olhares cruzados: o Pink Money e o Movimento LGBT**. Repositório Institucional UNISC, Santa Cruz do Sul, RS, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11624/2490>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENTO, Berenice. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. Teoria Queer - O gênero sexual em discussão. Dossiê. **Revista Cult**, São Paulo: Editora Bregantini, ano 17, n. 193. p. 42 - 46, 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Thiago. Um rosto, uma identidade, Zanele Muholi: A visibilidade LGBT através do retrato fotográfico em um lugar em que o amor foi esquecido. **Revista-Valise**, v. 7, Porto Alegre, RS, 2017.
- D'AGOSTINO e RODRIGUES, Rosane e Mateus. Supremo Tribunal Federal derruba restrições à doação de sangue por homens gays. **G1**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/09/supremo-tribunal-federal-derruba-restricoes-a-doacao-de-sangue-por-homens-gays.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2020.
- FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Revista Discursos fotográficos**, Londrina - PR, v. 3, n.3, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500/1246>. Acesso em 21 ago. 2020.
- FERREIRA, Daniel Rogers de Sousa. **Ousar dizer o nome Movimento homossexual e o surgimento do GRAB no Ceará**, [S.l.], 2003. Disponível em: http://www.uece.br/labvida/dmdocuments/ouzar_dizer_o_nome.pdf. Acesso em 23 fev 2021.
- FERREIRA, Débora Armelin. **A fotografia homoerótica africana de Fani-Kayode**. São Paulo: Sankofa, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 159-177, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/169161>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- JACOB, Elizabeth Motta; PAULO, Rodolfo Viana de. Poses Imundas: o funk, a fotografia, performatividade de gênero e a dança na construção do portrait fotográfico contemporâneo. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, RS, v. 10, n. 1, p. 01-39, fev. 2020. ISSN 2237-2660. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/85371>. Acesso em: 04 jul. 2020.

LEITE, Amanda. M. P.; GARCIA, Wladimir. A. DA C. Lendo Imagens do Diverso. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**. [S.l], v. 14, n. 1, 27 dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/14303/8178>. Acesso em 12 jun. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.9, n.2, p.541-553, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2020.

MARTINS, Míriam M.; VOIGT, André. F. Arte, Imagem e Fotografia: um diálogo possível entre Roland Barthes, Walter Benjamin e Jacques Rancière. **Oficina do Historiador**, [S.l], v. 9, n. 1, p. 250-264, 29 jun. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/20316>. Acesso em 20 de fev. 2021.

MOVIMENTO LGBT: o que é, história e muito mais!. **Stoodi**, [S.l], 2020. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/movimento-lgbt-o-que-e/>. Acesso em 22 jul. 2020.

OLIVEIRA, Rogério Luiz Silva de. **Fotografia e memória: criação de passados**. 2011. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2011. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Oliveira-R-L-S.pdf>. Acesso em 20 de jan. 2021.

Orgulho LGBT, Lutas e Conquistas. **LGBT PSB**, [S.l], 2020. Disponível em: <https://www.lgbtpsb.org.br/2020/06/16/orgulho-lgbt-lutas-e-conquistas/#:~:text=Dentre%20as%20conquistas%20alcan%C3%A7adas%20por,direitos%20como%20a%20ado%C3%A7%C3%A3o%20de>. Acesso em: 24 jul. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em 17 jan. 2021.

PULS, Mauricio. Cor ou preto e branco? Razões de uma escolha. **Revista Zum**, [S.l], 2016. Disponível em: <https://revistazum.com.br/radar/cor-ou-pb/>. Acesso em 04 de out. 2020.

PUTTI, Alexandre. Por 8 a 3, Supremo aprova a criminalização da LGTBfobia. **Carta Capital**, [S.l], 2019 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/por-8-a-3-stf-aprova-a-criminalizacao-da-lgbt-fobia>. Acesso em 22 jun. de 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

Relatórios anuais de mortes LGBTI+ . Salvador: **Grupo Gay da Bahia**, 2020. Disponível em:

<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti>. Acesso em: 26 jun. 2020.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NEXARA, Márcia (Org.) **Memória e (Res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2001.

Transexualidade sai da categoria de transtornos mentais da OMS. **O GLOBO**, [S.l], 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/transexualidade-sai-da-categoria-de-transtornos-mentais-da-oms-22795866>. Acesso em: 21 de jun. 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª edição, Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. E-book.

VENTURI, Gustavo. Intolerância à diversidade sexual. **Revista Teoria e Debate**. São Paulo, n. 78, julho/agosto 2008. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2008/07/01/intolerancia-a-diversidade-sexual/>. Acesso em: 13 set. de 2020.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ON-LINE

1. Qual sua idade? *

- Entre 18 e 25 anos
 Entre 26 e 35 anos
 Entre 36 e 50 anos
 Mais de 50 anos

2. Qual cidade do Sertão Central você reside? *

3. Qual sua ocupação? *

4. Sobre identidade de gênero, como você se identifica? *

- Homem Cis
 Mulher Cis
 Homem Trans
 Mulher Trans
 Não-binário
 Outro: _____

5. Qual sua orientação sexual? *

- Homossexual
 Heterossexual
 Bissexual
 Assexual
 Pansexual
 Outro: _____

6. A partir de sua vivência, como é ser LGBTQIA+ no Sertão Central? *

7. O que é visibilidade pra você? *

8. Qual a importância de ter pessoas LGBTQIA+ sendo representadas aqui no Sertão Central? *

9. Enquanto uma pessoa LGBTQIA+ que vive no Sertão Central, você se sente invisibilizada? Se sim, em quais situações? *

10. Para você, atualmente quais os melhores meios para dar visibilidade às pessoas LGBTQIA+ *

Redes Sociais

Mídias impressas

Ações Artísticas

Eventos

Sites e blogs

Outro: _____

11. De acordo com a resposta anterior, como esses meios devem ser utilizados dar visibilidade ao público LGBTQIA+

12. Você tem interesse em participar de uma série fotográfica que retrate o público LGBTQIA+ do Sertão Central? *

Sim

Não

APÊNDICE B - ROTEIRO DE PERGUNTAS DOS ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

Antes das fotos

- 1 - Quem é você?
- 2 - Qual sua relação com seu corpo?
- 3 - Como você deseja ser retratado?
- 4 - Deseja adicionar algum elemento à cena?

Depois das fotos:

- 5 - Como foi a experiência de ser fotografado?
- 6 - E como é está do outro lado da câmera?
- 7- Saiu como você imaginou?
- 8 - Gostou do resultado?
- 9 - Faria mais fotos assim?
- 10 - Como essa imagem te representa?
- 11 - Como é para esse corpo viver no Sertão Central?

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, _____, portador da Cédula de Identidade nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, na cidade de _____,

AFIRMO ser maior de 18 anos e AUTORIZO o uso de minha imagem para ser utilizada no trabalho de conclusão de curso de Design Digital pela Universidade Federal do Ceará – Campus Quixadá, do aluno Raul Plassman Medeiros Barbosa, intitulado:

Nób: uma leitura fotográfica sobre corpos LGBTQIA+ do Sertão Central-cc

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, podendo ser em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) site; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Se em algum momento não estiver confortável com o uso de minha imagem poderei solicitar a retirada imediata das mesmas. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro. E assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma

_____ de _____ de 2021.

Assinatura

APÊNDICE D - PROTÓTIPOS DE TELAS EM MÉDIA FIDELIDADE

